

Este suplemento é parte integrante do Boletim Informativo CulturAche –N.º 1 - Setembro 2021

Coordenação: Adalgisa Dias 



### O que canta e porque canta este povo?



Figura 1<sup>1</sup>

#### “O Ritual da Encomendação das Almas”

A Encomendação da Almas tem o seu acontecimento durante o período religioso da Quaresma, fazendo-se sem a participação do clero. Um grupo constituído só por mulheres, vestidas de luto e cobrindo-se com xailes grossos, reúne-se no cimo da torre sineira da igreja e é daí, num canto pungente, que entoam as suas preces entremeadas por Pai Nossos e Ave Marias, pedindo pelas almas dos que morreram e que se encontram ainda no Purgatório, “os que morrem na graça e amizade de Deus, mas não de todo

purificados”. Mas também pelos que se encontram no limbo depois da morte e que ainda não estão na presença de Deus, como no caso das “crianças que morrem sem baptismo [e] a Igreja não pode senão confiá-los à misericórdia de Deus” (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2ª. ed., p.268 e 329). No final é rezado um Pai Nosso por todas as almas e tocam três vezes os sinos dobrados. Segundo António Catana, no concelho de Idanha-a-Nova a freguesia de S. Miguel de Acha é a única povoação em que se sobe à torre do relógio (2019, p.17). Tem-se por costume,

que o ritual da Encomendação das Almas se efetue em locais altos já que lhe confere uma melhor projeção vocal, podendo, assim, ser ouvida pelos moradores, convidando-os a juntarem-se ao rito. Como a letra ilustra, *‘Alembrai-vos, meus irmãos, das benditas almas, qui lá estão no Purgatório. Ajudai-as a tiraria, c’um Padri Nosso e uma Ave Maria. E seja pelo amor di Deus’*. Por norma, juntam-se na torre sineira da igreja, mas se as condições meteorológicas forem adversas também é efetuado no terraço das casas mais altas. Jorge Dias e Margot Dias, defendem que a Encomendação das Almas, apesar de conservarem algumas reminiscências dos rituais pagãos, se podem considerar inteiramente cristãs na essência. Este rito procura infundir a piedade nos vivos pela alma dos mortos, a fim de que as almas vivas se juntem em preces fervorosas, de maneira a alcançarem o perdão de Deus do pecado dos seus parentes, amigos ou conterrâneos falecidos (1953, p.8).

A catequética da igreja católica “afirma, reiteradamente, a retribuição imediata depois da morte de cada qual em função das suas obras e da sua fé (...) e do destino final da alma, o qual pode ser diferente para umas e para outros” (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2ª. ed. p.266). E isso transforma-se numa petição permanente dos vivos quer através da participação do rito eucarístico quer através da piedade popular nas suas múltiplas formas de manifestação, de que a Encomendação das Almas é um dos seus expoentes máximos.

Mas esta grande preocupação pelo destino da alma surge com maior intensidade na Baixa Idade Média. “É de supor que a encomendação seja a persistência de um costume medieval com raízes em práticas religiosas, que naturalmente foram extensivas a todo o mundo cristão” (Dias & Dias, 1953, p.71). Neste contexto medieval, a morte

não era encarada como um fim nem para os que ficavam nem para os que partiam, para estes últimos era um sonho e um repouso até ao dia do Juízo Final. Cabia aos que ficavam a prática contínua de interceções pela sua alma. Há uma esperança de salvação da alma, através dos sufrágios da Igreja e das preces dos familiares e amigos a quem se encomendava esta. Há, pois, nesta época medieval, a persistência de um clima psicológico que introduz a necessidades destes ritos e práticas, ficando moralmente assumido este dever, responsabilidade e obrigação por parte dos vivos.

O cerimonial ou preparação da morte era, assim, comumente aceite quer pelos que estavam prestes a «partir» quer daqueles a quem o defunto confiava as suas últimas vontades, sendo os testamentos a favor da alma uma espécie de ‘garantia para quem partia’, no sentido de assegurar a salvação da mesma, através dos sufrágios nele estipulados. “Os testamentos eram textos religiosos e/ou de reflexão sobre a precaridade da vida; continham trechos de interpelação directa dos intercessores divinos; e forneciam normas de conduta sócio-religiosa para os vindouros.” (Mattoso, 2010, p. 413).

Georges Duby<sup>ii</sup> afirmava sobre a morte, que esta é como se o invisível estivesse presente, detendo este tanto poder como o visível. A vida vai-se, assim, prolongando após a morte, esta é só uma passagem em que os vivos se associam através das celebrações que fazem aos mortos Nasce, desta forma, a angústia dos leigos procurarem a salvação das suas almas cujo sentimento de culpas durante a sua vida lhes despertava a necessidade de procurarem a absolvição das mesmas, encomendando a sua alma aos que ficavam, a fim de que com as suas preces o caminho para a salvação eterna fosse garantido. Esta prática católica com raízes na Idade Média, que se alastrou por todo o

mundo cristão, é possível, pois, que tenha chegado a Portugal e que o povo se tenha assenhorado dela, (...) introduzindo-lhe, como é frequente, elementos tradicionais mágico-pagãos (Dias & Dias, 1953, p.75). O concílio de Trento (1545-1563) procurou realçar e reforçar esta prática de rezar de forma assídua pelos mortos, principalmente pelas almas que se encontram retidas no Purgatório, dada a conflitualidade religiosa existente, consequência da convocação deste Concílio, resultante da reforma luterana que se opunha à “venda” de indulgências e à “mercantilização” da salvação, rejeitando o Purgatório e suprimindo os santos.

Não admira, assim, que a piedade popular enfatizasse este tema e sobre ele tivesse uma particular atenção, dedicando-lhe no período quaresmal, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, uma intensa ação da Encomendação das Almas. E fá-lo através de um cântico que Lopes Graça, na recolha efetuada em 1953 em S. Miguel de Acha, considera impressionante, ao qual junta também os Martírios<sup>1</sup>, “(...) entoados monodicamente só por mulheres (...) que na sua grande liberdade, na complexidade dos seus melismas, na sua flutuação métrica, no seu rubato, frustram o rigor geométrico do nosso solfejo tradicional. A nossa transcrição não pode ser considerada senão como uma aproximação e, mesmo assim, deu-nos penas infinitas” (Lopes Graça, 1959, p.178 e 183).

Lopes Graça considera ainda S. Miguel de Acha um jazigo folclórico abundante em música popular religiosa. O mesmo autor destaca ainda o “Bendito das Trovoadas” entoado antifónicamente por homens e

mulheres (Lopes Graça, 1959, p. 178). Na obra ‘Viagens na Minha Terra’, na oitava peça, dir-se-á ainda sobre o Bendito das Trovoadas, “Em S. Miguel d’Acha, durante as trovoadas, mulheres e homens cantam o Bendito, Lopes Graça atende a questões técnicas e contextuais: Canção em diafonia. Antiga canção de exorcismo assimilada pelo catolicismo e regressando à sua primitiva função mágica” (**como referido** em Cascudo, 2012, p.306). Este trecho musical do Bendito das Trovoadas pode ser ouvido através do YouTube<sup>iii</sup>.

Quer a Encomendação das Almas quer o Bendito das Trovoadas irão ser também publicados, em 1981, no livro de Michel Giacometti com a colaboração de Lopes Graça, no ‘Cancioneiro Popular Português’. O Cancioneiro dá-nos, assim, “(...) a conhecer de Idanha-a-Nova a Encomendação das Almas de São Miguel d’Acha, de 1953, intitulada “Bendita e Louvada Seja”.

Esta versão e a do trabalho de campo apresentado são muito semelhantes embora Lopes Graça tenha optado por apresentar a transcrição com uma estrutura rítmica sem compasso definido” (Abrunhosa, 2015, p. 114). Giacometti define que este “costume de encomendar as almas relaciona-se com o culto dos mortos. O seu fim era ajudar as almas penando no Purgatório a alcançarem o Céu” (1981, p.307).

Também é possível ouvir o Bendito e Louvado Seja de S. Miguel de Acha através da internet no site [https://www.youtube.com/watch?v=oCEuY\\_rthZ8](https://www.youtube.com/watch?v=oCEuY_rthZ8), "Onze Encomendações das Almas", Coro de

---

<sup>1</sup> Para informação complementar sobre os ‘Martírios’ e o ‘Bendito das Trovoadas’ ver livro: Milheiro, A. (2002). *S. Miguel de Acha, Memórias da Cultura Tradicional*: C.M. Idanha-a-Nova e Casa do Povo S. Miguel de Acha. Idanha-a-Nova.

E também: Confraria do Soventre de S. Miguel de Acha. (2016). *A Música Popular Tradicional em S. Miguel de Acha*: Livro de Sala, Coral Stella Vitae e Grupo de Cantares ADEPAC. Centro Cultural Raiano de Idanha-a-Nova.

Câmara Lisboa Cantat (2010), direção de Jorge Carvalho Alves.

Manter esta tradição evidencia algumas dificuldades, dada a pouca adesão de gente jovem. “Encomendar as almas é hoje um trabalho de mulheres envelhecidas, para quem a morte é uma preocupação. A proximidade que sentem em relação a essa transição entre o estar vivo e a memória do já que se foi, faz do ritual da Encomendação um lugar privilegiado para a rememoração pública, sensorial e emotiva da morte” (Antunes, 2015, p.80).

Para o mesmo autor, a Encomendação das Almas no quotidiano das suas práticas, expressa os elementos transcendentais implícitos no ambiente de cada aldeia, tornando visível a invisibilidade do movimento de ascensão das almas do Purgatório aos Céus, imbricado nos processos da história e da memória (Antunes, 2014, p.31).

Dar continuidade ao processo dos vivos cuidarem das almas dos seus defuntos, a partir da devoção individual e do culto coletivo, como a Encomendação das Almas, não é só uma tradição, um folclore, um rito mecânico ou um costume, passa também pela preocupação de manter uma relação de proximidade com quem partiu. A morte, oposição à vida, é uma constante e com ela viaja a indefinição do destino de cada um, inferno, purgatório, paraíso ou nenhum dos três, mas se nada existe por que razão cuidamos da alma dos mortos e lhe é dedicado culto público? Medo, respeito, ou seja, lá o que for que ela infunde, continua-se cantando, ainda que como tradição, a Encomendação das Almas, mantendo-se esta prática no intuito de assegurar a salvação destas, aliviando, assim, os mortos e a consciência dos vivos.

### **Considerações finais**

Existe um fundo cristão na Encomendação das Almas nas localidades onde esta é praticada. A hora é sempre depois de anoitecer. Em todos os lados é declamada musicalmente – música e palavra são o elemento principal. É realizada na época da Quaresma. O número de elementos que constituem o grupo da encomendação é variável e nalguns locais, como em S. Miguel de Acha, é efetuado só por mulheres. “A música é um elemento constante, mas o seu caráter varia bastante – nalguns lugares é saudosa e dolente, noutros apavorante e sinistra” (Dias & Dias, 1953, p.68). Os mesmos autores referem ainda que a musicalidade da Encomendação das Almas apresenta nítida influência da música litúrgica (p.71).

S. Miguel de Acha é considerada, pelo compositor e maestro Lopes Graça, um dos maiores vultos da música popular portuguesa, um jazigo folclórico que recolheu num estudo metuculoso. Este, considera que a Encomendação das Almas possui uma musicalidade e uma entoação impressionante e de grande intensidade, associada a uma grande liberdade, com grande complexidade no ornamento da sua melodia e na sua flutuação métrica, mas também de rigor geométrico. Sente pena que a mão humana não tenha a possibilidade de a transcrever na sua forma mais pura. O interesse de vários investigadores na Encomendação das Almas de S. Miguel de Acha, fica espelhado nas referências bibliográficas sobre este tema. É assim que o nosso povo canta e que, por essa razão, o que canta transmite a intensidade da sua alma e a sua alquimia com o belo e o maravilhoso. E fá-lo numa doação extraordinária, agindo de acordo com os ensinamentos dos Evangelhos, “Dai de graça o que de graça recebestes” (Mt.10,8-9).

ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS (S. Miguel de Acha)

Ben-di-ta e lou-va-da se - - - ja - - -  
Sa-gra-da Mor-ta e Pai-xã - - - o - - -  
Pai-xão di Je - - sus - us Cri - i - - -  
i - - - sto. E - - - se - - -  
- - - ja - Pe-lo a - - - mor - di Deus,  
se - - - e - - - e - - - ja. - - -  
A - lem-brai - vos, meus in - mã - - - os, - - -  
Das ben - di - tas al - - - mas - Qui lá 'stão - - -  
- - - no Pur - - ga - tó - - - o' - - -

185

o . . . ri-o. A-ju-dai-as a ti-ra.

- - - ri, C'um Pa-dri-Nos - - - so -

E ũ-a A-ve-Ma-ri-a, i . . . i . . .

i . . . a. E - - - se . . . ja -

Pa-lo a . . . mor-di Deus, se . . .

. . . e . . . e . . . ja. -

## MARTIRIOS (S. Miguel de Acha)

$\text{♩} = 66$

Ben-di-ta e lou-va-da se . . . ja

se . . . ja - - - A Pai-xão do Re-den-to.

ô . . . ô . . . ri. Pa-ra nos

li-urar das cul - - - pas ul - - - pas, -

Mor-reu por nos - so - a-mô, ô . . . ô . . . ri. -

BENDITO «DAS TROVOADAS» (S. Miguel de Acha)

*♩ = 126 Mulheres*

Ben-di-to e lou-ra-do se-ja — O San-tis-si-mo

*, Homens*

Se-cra-men-to da Eu-ca-ri-s-ti-a. Fru-to do ven-tre sa-

gra-do — da Vir-gem pu-ris-si-ma San-ta Ma-ri-a.

*Mulheres*

Gló-ria se-ja a-o Pa-i, — a-o fi-lho,

*, Homens*

Ao A-mor tam-bém, Três pes-so-as di-vi-nas,

— Se-ja a-go-ra e sem-pre, sem-pre, A-men.

191

## Notas

<sup>i</sup> Foto de Maria Adélia de Abrunhosa (2015). Fátima Milheiro tocando os sinos na Torre da Igreja Matriz de S. Miguel de Acha.

<sup>ii</sup> Prefácio do livro 'Ano 1000 Ano 2000, no 'Rasto dos nossos Medos', 1997.

<sup>iii</sup> Lopes Graça, (Suite 1 & 2). VIAGENS NA MINHA TERRA. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wVyqn9X2R18>.

- Lopes-Graça, Viagens na Minha Terra - José Eduardo Martins. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n0PwLys54GU>.

- Orquestra Filarmónica de Budapeste (Gyula Nemeth) - Viagens na Minha Terra (Fernando Lopes Graça). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=y8bFlwO5vGc>.

Esta gravação data de 18 e 19 de Fevereiro de 1980, foi efetuada por Sistema de Gravação Hungaroton, na Igreja Reformista da Praça Torozcko, em Budapeste, com Supervisão Artística de Lopes Graça.

<sup>iv</sup> Partituras da 'Encomendação das Almas, 'Martírios' e 'Bendito doas Trovoadas'. Lopes Graça, F. (1959). A Música Portuguesa e os seus problemas (2º. Vol.): Lisboa. Vértice, pp. 185, 187, 189, 191.

---

## Referências bibliográficas

Abrunhosa, M. (2015). El Patrimonio Musical en La Cultura Portuguesa Y sua Adaptación a Los Currículos (Enseñanzas Artísticas): El ritual de La “Encomendação das Almas” En Los Concejos do Fundão e Idanha-a-Nova. (Tesis Doctoral). Universidad de Extremadura, EX.

Antunes, P. (2015). Depois da morte. O restauro imaterial da encomendação das almas. (Trabalho de Projeto Apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre de Antropologia). FACSHE-UN. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/16181>.

Antunes, P. (2014). “Insomnolências” e notas de campo do filme “P’ra Irem P’ró Céu”, Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 3, Nº. 1, pp. 31-48. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/298?file=1>.

Cascudo, T. (2012). A tradição como problema na obra do compositor Fernando Lopes Graça: Um estudo no contexto português. Disponível em: [file:///C:/Users/mapru/Downloads/T\\_Cascudo\\_A\\_tradicao\\_musical\\_como\\_proble.pdf](file:///C:/Users/mapru/Downloads/T_Cascudo_A_tradicao_musical_como_proble.pdf).

Catana, A. (2019). Mistérios da Páscoa em Idanha. Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Dias, M., Dias, J. (1953). A Encomendação das Almas. Porto: Imprensa Portuguesa.

Lopes Graça, F. (1959). A Música Portuguesa e os seus problemas (2º. Vol.): Lisboa. Vértice.

Mattoso, J. Sousa, B. (coord.). (2010). História da Vida Privada em Portugal, a Idade Média. (1º. Vol.). Lisboa: Círculo dos Leitores.